

## A NEGRINHA

Plínio Carneiro

O casal entrou no restaurante, assentando-se numa mesa de canto. O homem, de camisa esporte listrada, pés em sandálias; a mulher, de vestido caro, amarelo — ambos com a cara oficial de férias. Eu tinha acabado de almoçar e, na falta de outras atrações, ia fiscalizando os gestos dos fregueses. Daí a pouco chegaram os outros integrantes da família: um casal de garotos, escoltados por uma negrinha magra e alta. O menino, gordinho e cabeludo; a menina, feia e magricela.

A tomada dos lugares da mesa foi emocionante, ora o menino escolhia a cabeceira, ora queria ficar no colo do pai, que bebia uma cerveja. Por fim, tudo é paz, sob as vistas do garçon, que esperava o pedido. O pai comanda o cardápio, entremeando as ordens com gritos para os filhos. Na outra cabeceira, a negrinha, sem jeito, na ponta da cadeira, parecia pedir desculpas pela sua presença em mesa tão nobre, parecia envergonhada por respirar o mesmo ar inspirado pelos patrões. Dez minutos de espera — e muito guaraná entornado, muito miolo de pão jogado no chão — e eis que chega a peixada, numa panela a ferver.

A mãe começa a servir: primeiro o marido, depois a filha, o menino ganha menos e, por fim, a si mesma. A empregada, lá no fim da mesa, encolhida num vestido simples, os pequeninos seios empurrando o peitilho da blusa para a frente, as pernas embaraçadas nos pés da cadeira, uma enorme fita escondendo metade do cabelo pixaim, a cara de boba. E os patrões a comer, regalando-se com o peixe, os camarões, o guaraná, a cerveja, o pirão.

A negrinha, na falta do que fazer, olhava as unhas da mão, pulava os olhos para o chão, daí para o teto, sem coragem de levantar a cabeça para a mesa, os braços também sem coragem de se encostarem na toalha. No fundo do restaurante, os dois garçons — um grandalhão com cara de lutador e um baixinho, rápido, elétrico; ao lado, eu e minha curiosidade, ninguém mais. A negrinha virava a cabeça de um lado para o outro, os olhos vivos sem lugar definido para fixar-se, vendo tudo e não vendo nada, humildes, humildes.

Me veio uma vontade de mandar o garçon servir à crioulinha o melhor da casa: um estrogonofe supimpa, o vinho português rascante, pão de queijo quentinho, a musse de chocolate. Me veio uma vontade de dar uma bronca no pai dos meninos, que desconhecia o olhar de fome da negrinha sobre os restos da batalha familiar à mesa. Ora, eu não tenho nada com isso, estou passeando, de férias, pra que criar um caso.

Levantei-me e iniciei a saída, dando um olhar de total desprezo ao casal de pais e de filhos. Ainda vi a mãe fazer um sinal de assentimento para a negrinha e ela se apoderar dos restos de peixe, de arroz, de pão, fazendo um mexido na panela de barro, feliz, feliz, agradecida pelo privilégio dado pelos patrões.

Ainda tive tempo de sentir os olhos da crioulinha se fixarem nos meus, brilhantes, como que adivinhassem a minha solidariedade. Olhos pequenos, redondos, negros, olhos de riso, olhos de felicidade.

Ainda tive tempo, antes de sair para a chuva de verão, de me sentir liberto de toda a raiva, ao ver o braço direito da negrinha levar a mão à testa, ao peito, ao ombro esquerdo e ao ombro direito, no pelo-sinal de agradecimento pelo banquete que a esperava na pequena panela de barro.